

voices Mountain

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XIX | #168 | jul/ago 2019



FALÉSIA DO
QUINTAL

ESCALADA

BOTUMIRIM
PARQUES DO ESPINHAÇO

MONTANHISMO

COPA DO MUNDO
EM BUSCA DO OURO

INDOOR

EQUINOX MOCHILA DE ESCALADOR



PROJETADAS POR ESCALADORES
DURABILIDADE SUPERIOR

KIIHÚ 2.0



SÍNTESE 2.0

MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA
MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS



GRANDE LESTE 2.0

CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!
MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO



LUGARES E ESCOLHAS

Sentada no ar seco de uma cadeira de aeroporto vou acabando meus dias em terras espanholas. Era pra ser uma viagem épica, um mochilão em solitário cheio de emoções, no entanto se mostrou uma viagem de muita paz e impressões as quais com certeza desnovelarei ao longo dos dias.

Alessandra Arriada

Muitas escolhas vamos tomando ao longo dos dias, os lugares escolhidos pra ir, as pessoas que escolhemos conviver, e me incomoda o fato de não sabermos: se a gente tivesse escolhido diferente, como seria? Como seria o roteiro, a cronologia das coisas, estaríamos sorrindo ou seria um desastre? Ou em um mal castellano: por que pasa lo que pasa? Como passaríamos se tivéssemos atravessado a rua, se tivéssemos cumprimentado outra pessoa e sorrido ao invés de ir embora? Se tivéssemos comprado outra passagem, ou escolhido outro trabalho? Mais ainda: nós decidimos o que passa, ou deixamos passar? Qual a força que temos ao tomar uma decisão?

Ontem tive a sorte, ou por alguma decisão lá atrás ou ontem mesmo, cheguei até ali, de ir num campeonato de escalada com o Chris Sharma. Quem da escalada não admira ou admirou esse escalador, seja pelos feitos, reconhecimento ou trajetória? O acaso me levou até aquela experiência tão legal de poder conhecer de perto sua técnica, sua

academia, seus alunos, sua simpatia e generosidade com os mais jovens. O mesmo acaso que talvez tenha feito dele um campeão mundialmente conhecido, de jovem mochileiro prodígio, dos tempos dos vídeos de boulder pelo mundo, a um pai de família de uma vida aparentemente comum. Andando pelas ruas de Barcelona, vi também cartazes da outrora menininha Sasha Di Giulian, numa propaganda de maquiagem com o enunciado: Campeã Mundial de Escalada. Qual o acaso nos oferece oportunidades que mudam a nossa vida? Ou deixamos que as oportunidades mudem a nossa vida sem consciência ou livre arbítrio disso? Qual curva tomar?

Eu desconfo que nunca saberemos a resposta. Por mais que isso me angustie demais, cabe a nós, acredito, ter a consciência de que tudo estará bem se estivermos atentos e calmos para tomarmos as decisões. Que elas sejam pautadas nos nossos valores e em nosso coração, mesmo sendo muito difícil muitas vezes ouvir o que eles que-

rem nos dizer. Vemos inúmeros nomes da escalada nacional e mundial, alguns com patrocínio, outros sem viver da escalada, alguns tendo o reconhecimento do seu trabalho, alguns se virando para continuar a trabalhar. Claro que as oportunidades do nosso país não se comparam mesmo a onde estou agora, a realidade desses caras, a estrutura, a segurança, tudo me impressiona e tenho certeza das oportunidades deles serem maiores do que as nossas, mas será que é só isso mesmo?

Quando vejo um Chris Sharma de olhos claros e atentos, brincando com os alunos e curtindo seus amigos e mesmo o pessoal da imprensa, fãs, atletas, com toda calma do mundo, eu vejo paz de quem soube aproveitar suas habilidades em favor de dias bons. Soube planejar sonhos, soube articular projetos, soube dizer sim a casa, família, soube cultivar as pessoas certo por perto e talvez tenha se afastado das não tão certas. Quem sabe ele não foi daquelas pessoas que ouviu conselho dos mais velhos, que cuidou da saúde, que ou-

sou mas pensou no futuro. Quem sabe ele acreditou nos seus sonhos quando mais ninguém acreditava e nem pensou em desistir. Ou talvez seu sucesso tenha sido graças a um amigo, ou a um professor, que o elogiou na hora certa ou o emprestou dinheiro quando mais precisava. Ou aquele desconhecido que lhe disse o que fazer em uma encruzilhada. Talvez ele tenha planejado minuciosamente cada passo ou talvez tenha apenas deixado passar, mas talvez nos valha a reflexão de nos perguntarmos:

Por que nos pasa lo que nos pasa?

Ou: O que gostaríamos de ser ou o que devemos deixar passar ou ainda, o que gostaríamos que passasse com a gente nessa vida?

Talvez eu poderia ter perguntado para ele a resposta, mas me contive em simplesmente observar seu deslizar nas agarras difíceis do seu muro de escalada, pensando se por acaso eu voltasse a escalar....

Boas escaladas a todos!!!!



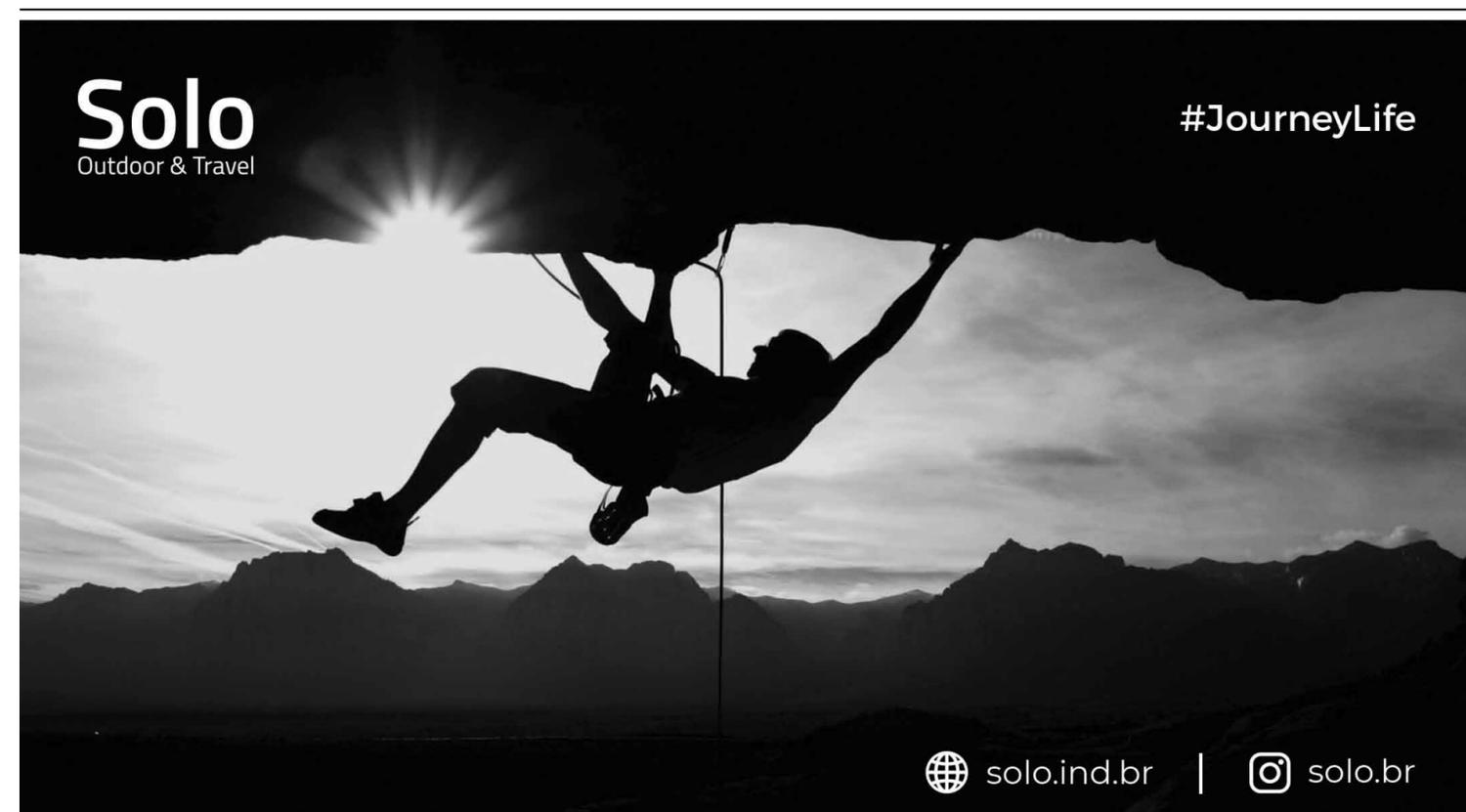

TENAYA

+ CONFORTO
+ PERFORMANCE
+ SOLADO VIBRAM

TANTA MASAI OASI

ENCONTRE O MODELO IDEAL PARA VOCÊ.

SBIOUTDOOR.COM.BR



Solo
Outdoor & Travel

#JourneyLife

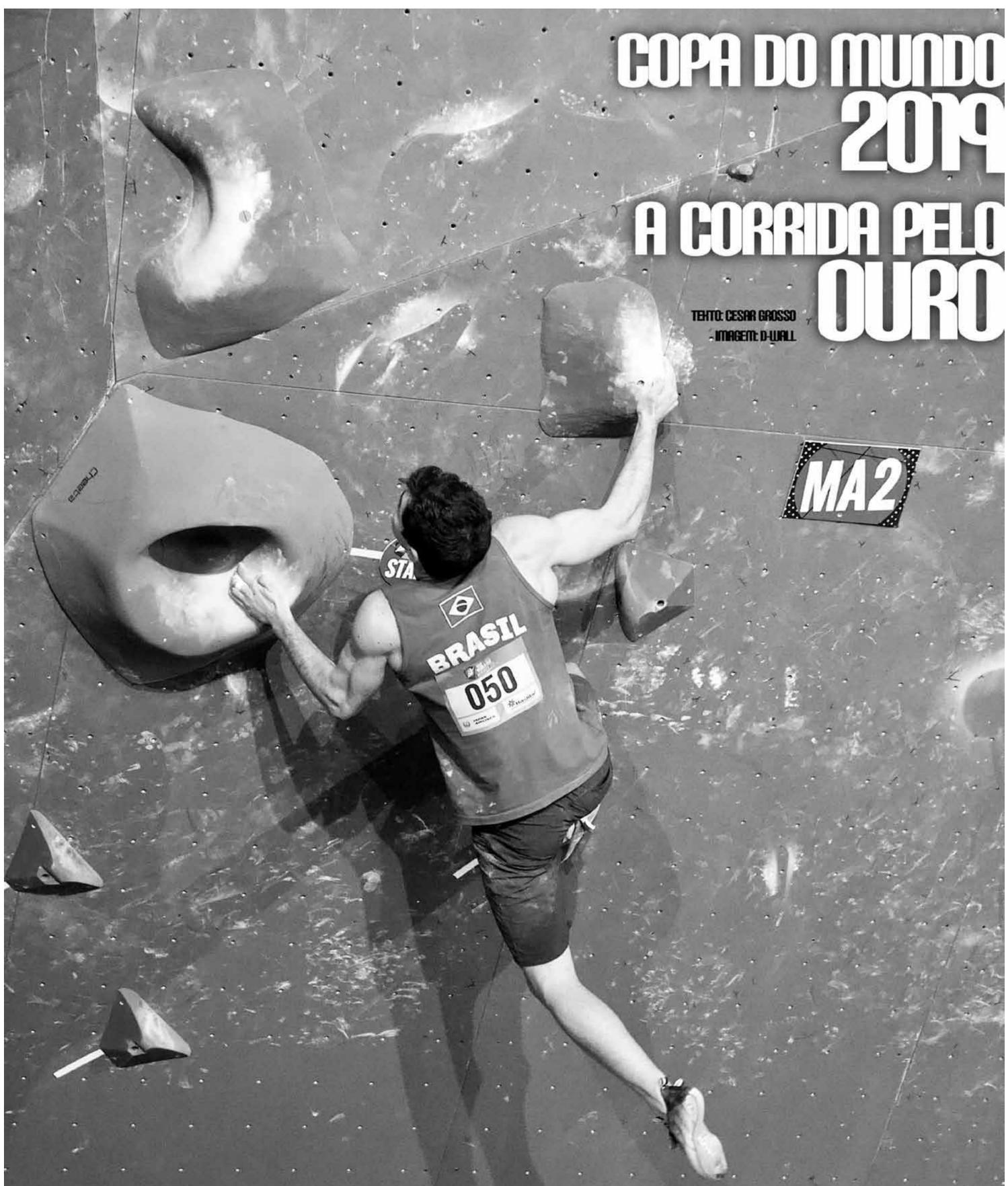
solo.ind.br | solo.br

www.mountinvoices.com.br

COPA DO MUNDO 2019 A CORRIDA PELO OURO

TEXTO: CESAR GROSSO
- IMAGEM: D-WALL

MA2



Ninguém imaginou que um dia a escalada chegaria a esse nível. Movimentos extremos, atletas ainda mais polivalentes em um altíssimo nível físico e técnico fazendo da copa do mundo um verdadeiro espetáculo (literalmente). Talvez, a escalada de competição nunca cresceu tanto quanto nos últimos 2 anos, desde o anúncio oficial que sim, a escalada esportiva estará presente nas Olimpíadas de Tokyo 2020. De lá pra cá, muito investimento tem sido feito, os resultados e mudanças estão emergindo nessa geração moldada para as competições.

A Copa do Mundo de Boulder termina com sua última etapa em Vail (USA) no próximo final de semana, a de Speed está no meio e a de Lead (via) só começa em julho.

Início

O ano começou com Boulder em Meiringen, na Suíça, onde boulders muito técnicos mostraram firmemente a nova tendência de escalada, com ainda mais movimentos dinâmicos, misturados com equilíbrio e claro, muita força, tudo isso com apenas 4 ou 5 minutos pra encadenar, dependendo da fase da competição! Por isso a intuição na escalada e na movimentação tem sido cada vez mais importante nos campeonatos e isso também tem sido trabalhado com todos os atletas.

Em Meiringen, em um Boulder crucial com um movimento clássico de entalamento de fenda, Adam Ondra venceu. No feminino, a eslovena fenômeno Janja Garnbret, de apenas 20 anos de idade, venceu com certa facilidade.

Moscou, foi o palco da primeira etapa de Speed. Sem nenhuma novidade entre os especialistas de speed onde o francês Mawem Bassa venceu com o tempo de 5"73 seguido por russos, poloneses e pelo iraniano Reza Alipourshena, atual detentor do impressionante recorde mundial 5"48. No feminino venceu a chinesa YiLing Song, que na etapa seguinte, na China, estabeleceu o novo recorde mundial feminino 7"10. Mas a surpresa vem com os não especialistas de speed, tempos cada vez mais baixos entre os escaldores especialistas em Boulder e Lead. Jakob Schubert, especialista em Lead, campeão Mundial Lead e Combinada, fazendo na casa dos 7" baixo, Manu Cornu especialista em Boulder fazendo na casa dos 6" alto, eu mesmo, com um tempo recorde brasileiro ali feito (7"32) foi suficiente somente para a 45 colocação. Pra se ter uma idéia, em 2017, para ficar entre os 30 primeiros (e obter pontos no ranking mundial) seria suficiente fazer um tempo aproximado de 11"40, atualmente a 30 colocação tem um tempo aproximado de 6"80 e, claro, este tempo não é de um especialista em speed. Alto nível!

Ainda tivemos nas últimas semanas, mais 3 etapas de Boulder e mais 2 de speed. No Boulder masculino, Adam Ondra está em primeiro na Copa de

Boulder, no feminino Janja venceu 5 das 5 etapas, já era matematicamente campeã da copa antes da 4a. etapa, mostrando em cada etapa uma superioridade da sua escalada... ah, mas a especialidade dela não é Boulder, é via.

A quinta etapa de Boulder, em Munique (Alemanha), marcou a presença de 2 brazucas, Felipe Ho e eu. Nossa escalada demonstrou claramente uma evolução, técnica e física, mas ainda não o suficiente para passarmos para as semi-finais. Os treinos seguem cada vez melhores.

Ainda teremos o Brasil representado em etapas de Speed e Lead, e ainda o principal campeonato do ano, o Campeonato Mundial de Escalada em Agosto, também em Tokyo.

O que de fato está mudando? A polivalência de cada elemento da escalada em cada um dos atletas. Agora a escalada é Olímpica e o formato Olímpico é a soma das 3 modalidades (speed, boulder e lead) se multiplicam e contam para as olimpíadas. Por exemplo, se um atleta fica em quinto em Lead, em quinto em Boulder e quinto em Speed ele multiplica $5 \times 5 \times 5 = 125$ pontos. As vinte menores pontuações nessa matemática entre copa do mundo, mundial e continentais estarão classificadas para as olimpíadas que conseqüentemente será disputada no mesmo formato o chamado "combinado", das três modalidades. Isso tem resultado escaldores de via com a potência de Speed e força de Boulder, ou escaldores de Boulder com resistência como os de via. Muita coisa, inclusive métodos de treino tem mudado muito. Não é nada fácil estar com um alto nível em cada uma das três modalidades.

Testando fórmulas

É novidade para todos, até o treinador mais experiente está testando métodos e fórmulas de treinamento. Conseguir encaixar e correr o circuito das três modalidades não é fácil. Geralmente o btoulderista só competia na Copa do Mundo de Boulder, o Atleta de Lead talvez fazia uma ou outra etapa de Boulder como preparação para seu foco principal que eram as etapas de Lead e os velocistas nunca fizeram nada além da parede de 15

metros. Hoje os atletas estão correndo o circuito completo, participando de pelo menos 80% das etapas de cada modalidade.

Levando em consideração esse calendário de competições complexo e quase intermitente, e a preparação pré competição uma das atividades que os atletas estão mais atentos hoje em dia é a prevenção. Além do calendário exigir muito dos atletas os movimentos estão mais fortes e agressivo. Nos boulders é nítido e fácil de visualizar os movimentos explosivos e dinâmicos que muitas vezes sobrecarregam articulações e ombros, mas nas vias também. Hoje as vias são muito mais caracterizadas por cruxes fortes, explosivos e muitas vezes até dinâmicos no meio da via. Antigamente eu chegava no final da via com o cotovelo levantado de tanto lutar, resistência pura, hoje é possível encontrar um mo-

vimento forte um mega crux na quinta chapa e cair ainda com braço. Então o treinamento de preparação mudou e com isso ainda mais a atenção com a prevenção.

Com o crescimento em todos os sentidos, mais treino, mais prevenção, mais simulado, participação em mais etapas e mais investimento por parte das grandes Federações. Agora imaginem países como Eslovênia, Áustria, República Checa entre outros, que não são uma potência no quadro geral olímpico de medalhas, que raramente fazem pódio em uma olimpíada, terem uma chance real de ganhar um ouro olímpico (ou até dois!) com a escalada, quanto esses países seriam capazes de investir na evolução dos atletas?

Os treinos seguem, e como diz o ditado, "quem quer dá um jeito, quem não quer arruma uma desculpa".

BIVAK
OUTFITTER

COM OS MELHORES
EQUIPAMENTOS

JUNTOS,
SUPERANDO
EXPECTATIVAS

Loja Virtual: www.bivak.com.br
Telefone: 11 2308-6995
Rua Caramuru, 523
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

11 99349-1651
@bivakoutfitter
fb.me/bivakoutfitter

créditos da foto: Tiago Filho / Cerro Catedral



TEXTO: LAURA PAPAIANO

A MONTANHA ARCO-IRIS

A montanha originalmente conhecida como K'ayrawire Wininkunka ou Vinicunca (do quechua peçoço colorido) e internacionalmente conhecida como Rainbow Mountain foi recentemente descoberta e já se configura como uma das principais rotas turísticas de Cusco.

Há alguns anos, a região da cordilheira dos Andes era coberta por gelo de um glaciário que, com os efeitos do aquecimento global, retrocedeu, descongelando a área e deixando à mostra a montanha que hoje exibe suas 7 cores à todos que queiram apreciá-las.

Há duas formas de realizar o passeio até a montanha: comprando o passeio por uma agência de turismo para levá-lo de van e guiá-lo até o trajeto que segue para o cume ou andando por trilhas que passam por montanhas nevadas aos arredores do pico.

O caminho até a Vinicunca pode ser muito incômodo e cercado de mal-estar, assim como a própria subida graças a altitude elevada, então é altamente recomendável que, ao se preparar para o passeio, tome uma pilula anti-soroche e carregue alguns tubos de oxigênio, além de de algumas folhinhas de Coca para mastigar durante a caminhada. A primeira jornada é iniciada por volta das 4:30 da manhã, seguido por 3 horas de estrada saindo de Cusco, com paradas para ir ao banheiro e tomar café da manhã, o que é uma ótima oportunidade para, além de conhecer os alimentos comumente consumidos

pela população local, observar o panorama de um ângulo privilegiado da cordilheira dos Andes.

No início da caminhada, são oferecidas duas opções para chegar ao cume da montanha: A caminhada e a subida à cavalo. Já nesta parte da trilha é possível perceber que o passeio não é apenas feito de desafios e de paisagens, também é de um choque de culturas. O transporte equino é providenciado por moradores de comunidades e vilarejos pobres próximos à montanha. Em minha experiência pessoal na montanha encontrei uma garotinha, moradora de uma cidadezinha perto de Vinicunca que me deu o prazer de sua companhia durante parte do trajeto. Um momento em especial me surpreendeu, quando peguei um tubo de oxigênio na minha mochila e ela me encarou, quase assustada, por nunca ter visto algo como aquilo. E aí veio a surpre-

sa, mesmo que aquele cilindro estivesse tão fisicamente próximo à ela, pois quase todos os turistas que vão à montanha o levam, estava muito distante de sua realidade, e assim é com todos que trabalham ali. Apesar de receberem milhares de turistas diariamente, a população desses povoados não acessam as informações, culturas e tecnologias trazidas pelos estrangeiros.

Conforme o decorrer da caminhada, o clima da Rainbow Mountain varia e suas paisagens também. É provável se deparar com o monte nevado nas primeiras etapas da subida, articulando a paisagem sensacional de um vale branco, coberto por gelo. Os detalhes da riqueza de vida que a montanha sustenta, como pássaros e plantas, também são panoramas admiráveis. A neve derrete durante as primeiras horas da tarde, promovendo uma vista limpa dos vales, do lago e da cordilheira. O que

antes estava tomado por uma camada branca, torna-se verde novamente destacando a beleza e as cores da montanha.

O caminho até o topo é formado por subidas mais e menos anguladas, mas sem dúvidas o trecho mais difícil da caminhada é o mais alto, tanto para a subir como para descer.

O cume da montanha apresenta subidas muito íngremes nos últimos 100 metros para completar os 5.200 metros acima do nível do mar, porém um dos momentos mais prazerosos de toda essa jornada é beber um chá de Coca quente apreciando a vista panorâmica que mais de 5000 metros oferecem.

Enfim, é justo afirmar que esse passeio não é apenas desafiante por exigir muita resistência e esforço, mas sim uma experiência completa de superação, de conhecimento e de reflexão.

Um pouco de atitude ética e ecológica.

Gostaria de escrever sempre de coisas legais, de falésias, vias, lugares novos etc...mas parece incrível que em 2019 certas atitudes por parte de alguns escaladores ainda seja um motivo a ser lembrado. Algumas dessas atitudes podem até serem compreendidas quando falamos de iniciantes, aqueles escaladores chamados de "sem noção" sem querer ofender, mas no geral não podemos ver situações de "macaco velho" como por exemplo na vale do rio.

Roni Andres

Adige aqui pertinho, onde um escalador das antigas, pintou com spray azul todas as chapas de uma via (e por consequência a rocha) para distinguir a sua via das outras, ato que rendeu ao sujeito uma grande quantidade de "elogios" e um grande problema a ser resolvido.

A escalada nos últimos anos teve um crescimento exponencial sem dúvidas em todo o mundo, um exemplo perfeito desse crescimento é o número de academias de escalada abertas em Londres. Em 2014 falávamos de três academias de grande porte, hoje são treze, com previsão de novas aberturas nos próximos meses.

Todo esse crescimento com certeza fez muito bem no aspecto da evolução física, basta ver os resultados da galera jovem, seja em competições ou em falésias. O problema ao meu ver é a falta de uma conduta ecológica e ética por parte desse grande número de escaladores que hoje saem das academias e vão para rocha. Anos atrás a formação de um escalador era quase sempre realizada na rocha e os preceitos éticos e ecológicos eram vinculados a essa formação. Hoje é justamente ao contrário, grande parte dos novos escaladores se formam em academia, ou seja, em um lugar fechado, onde o objetivo maior é justamente a evolução física citada anteriormente, onde pouco se fala de

ética e em um ambiente onde sempre tem alguém para fazer a limpeza e organizar a bagunça no final da escalada.

Fica difícil não escrever algumas linhas sobre regras básicas, que nesses tempos precisam ser muito lembradas, afim que as coisas comecem mudar pra melhor na montanha em geral e nas falésias, porque do jeito que esta, nos próximos anos o que teremos serão praticamente academias a céu aberto.

Então:

Procure fazer sempre a mesma trilha; não é fácil entender a pressa de algumas pessoas em chegar ou sair da falésia, abrindo atalhos. Essa pratica alem de destruir uma parte da vegetação que poderia ficar inalterada, provoca em alguns pontos, principalmente em terreno mais íngreme, uma erosão absolutamente desnecessária.

O respeito alheio em falésia: Deveria ser a coisa mais óbvia, mas não é, principalmente no quesito tranquilidade; é claro que falésia não é uma biblioteca onde temos que ficar absolutamente em silêncio, mas o respeito para com os outros escaladores deve ser um hábito, afinal de contas muita gente escala pra sair do tumulto geral da cidade, entrar em contato com a natureza, outros precisam de um pouco desse silêncio para

se concentrarem na escalada. Sem falar no ouvir musica com volume alto... - Esta dividindo a falésia com outros climbers? fone de ouvido ou nada, a não ser que os outros presentes sejam de acordo.

A proposito do assunto tranquilidade tenho uma história muito interessante pra contar: Todo mundo sabe que uma boa parte dos italianos quando ficam nervosos (ou não) tem o costume de "bestemiar"; Um certo dia esse meu amigo estava em uma falésia francesa, cada voo na via era um "Porco D.!!!, que se escutava de muito longe, imaginem na falésia. depois de alguns minutos de 'bestemias' infinitas, ele olhou para baixo e viu que um pequeno grupo de escaladores franceses, seis pra ser mais preciso, pediam para que ele descesse da via, esse grupo o "convidou" a organizar a mochila e depois o conduziu até o seu carro no estacionamento com o convite de não voltar mais naquela area.

Não pague de "dono da falésia", aquele tipo de escalador que espalha de tudo e por tudo, mochila na base de uma via, fingerboard de aquecimento pendurado nas primeiras chapas, rede estendida no meio da trilha; até cadeira de praia pra dar segurança mais tranquilo existe. Novamente, precisamos ter respeito e lembrar que a falésia é de todos. Infelizmente aqui outra coisa que rola muito é a galera que tranca uma via por horas, amarrando a corda em top rope na base impedin-

do que outras pessoas tenham a oportunidade de tentar a via em questão.

As necessidades fisiológicas, vão, na medida do possível feitas sempre longe da falésia e dos cursos d'agua e sempre enterradas, evitando a transmissão de doenças por parte de insetos e outros animais. Custa pouco haver sempre dentro da mochila uma pazinha para essas situações. Se voce acha muita regra e "pegação no pé" imagina fazer uma trilha de falésia no vale encantado na Argentina, um dos lugares mais bonitos que tive oportunidade de visitar, e ter que saltar por cima de mais de 10 excrementos, cobertos cada um por uma pequena pedra, que tinha como unico objetivo não deixar voar o papel sujo, literalmente uma visão de m....!

Leve embora todo lixo produzido: restos de comida, cascas de fruta, muita gente pensa que é só material orgânico, mas no caso de uma falésia muito frequentada o lugar acaba se tornando numa "lixreira" a céu aberto. Esparrapado velho e embalagens de qualquer tipo também fazem parte do lixo produzido mas hoje muita gente ignora e deixa pelo chão. Bituca de cigarro nem se fala, os fumantes que me perdoem, mas o hábito em si ja incomoda quem estáá perto, muito mais em falésia; é perigoso pois pode causar incêndios, depois encontrar bitucas por toda a base das vias é uma coisa absolutamente desprezível.

-Apague sempre os sinais de magnésio feitos nas agarras, existem alguns setores que não podemos mais classificar uma escala em 'a vista', pois a quantidade de sinais feitos é absurda, seja em quantidade que em tamanho.

Contribua sempre que possível, as áreas de escalada são sempre fragilizadas pelo fluxo contínuo de escaladores, depois o trabalho de conquistar vias e abrir um novo setor, não é fácil e custa, não é sempre e com frequência que o conquistador volta no setor para analisar uma necessaria manutenção. Informe sempre qualquer problema, principalmente no que diz respeito a paradas e proteções. Mantenha a falésia o mais limpa possível, as chapeletas e as marcas de magnésio ja são suficiente como "poluição" visual. Incentive sempre seus amigos com praticas ecológicas e aquelas da verdadeira essência da escalada, ou seja, do respeito com as outras pessoas, o cuidado da flora e da fauna e a troca da competição pela diversão, costumes cada vez menos usados nos dias de hoje.

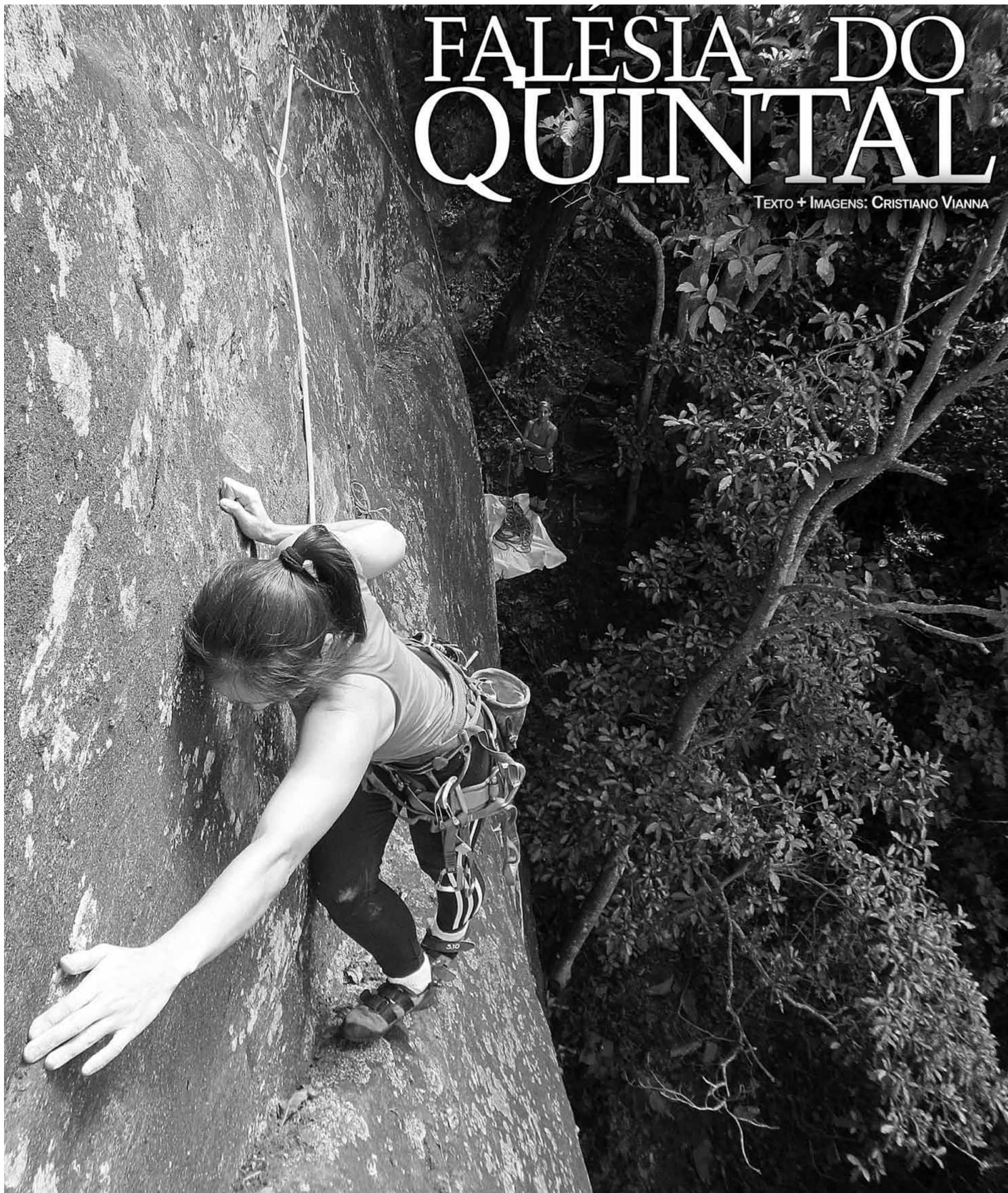
Boas escaladas a todos!

Vale de Daone, local onde esse ano acontece a segunda edição do Clean for Climb encontro de escaladores que promove a escalada, mas principalmente a limpeza e valorização do bosque e de novos boulders.



FALESIA DO QUINTAL

TEXTO + IMAGENS: CRISTIANO VIANNA



No início de 2015 eu (Cristiano Vianna) e a Heloísa Oliveira fomos escalar na Falésia do Paraíso onde encontramos Claudio Medeiros, conquistador da região. Perguntei da falésia da frente e ele além de encorajar uma investida ainda informou com quem falar, pois trata-se de área privada. No dia seguinte nós mostramos um projeto de desenvolvimento aos proprietários que, contentes, abriram suas portas para a comunidade.

Na semana seguinte comecei com a conquista propriamente dita. Segui uma trilha antiga que chegou ao pé da parede exatamente em uma placa de alumínio pregada à rocha, nela estava escrito: Via *Natália*. Além dela existiam alguns projetos (e/ou vias) concentrados principalmente do lado esquerdo, dessa forma decidi começar pelo canto direito. Durante o primeiro ano de trabalho foi conquistado o Setor Filosófico (em torno de dez vias). Trabalharam, além de mim, Felipe Ho, Henrique Rizzo e Thiago Orso.

No início de 2016 aumentou bastante a ajuda de diversos escaladores, entre eles Luiz Milan (Lasanha) e, principalmente, Antonio Carlos Meyer. A intensificação dos trabalhos fez com que em quatro de setembro inaugurássemos a Falésia com vinte e seis vias espalhadas em três setores.

Mesmo com a abertura para o público a temporada de 2017 também foi muito produtiva. Com a ajuda principalmente de Marcos Ferraretto o ano terminou com 43 vias, formando os setores Gringo e Superior. Essa parte da parede tem em torno de sessenta metros de forma que cabem tranquilamente dois largos. A metade inferior é de alta dificuldade com inclinação negativa e poucas agaras (Setor Gringo). A metade superior é vertical ou levemente positiva com fartura de agaras (Setor Superior). Dessa forma não seria raro algum escalador ter problema para escalar um nono grau para acessar um quarto grau que começa a trinta metros do chão. A via Ferrata foi a solução que encontramos para aproveitar as duas metades de forma independente.

No ano passado (2018) as conquistas não foram numerosas, mas as melhorias nas bases das vias e nos acessos foi evidente. Outro trabalho que já vinha sendo feito e acelerou foi o plantio de mudas de árvores frutíferas. Claro que quando encontramos algumas pérolas sentimo-nos na obrigação de proporcionar o desfrute à comunidade, como foi o caso da *Caminho Teixeira* que equipei de baixo com o Matheus Prado.

No pé da parte central da parede tem belos blocos com gigantescas árvores incrustradas. Esse local (Setor Sonhos) vem sendo desenvolvido pelo Sotirios Sotirakis e diversos outros escaladores. São diversas as linhas prontas, algumas inclusive já clássicas como a *Elo Infinito*. Colaboração surpreendente veio também na questão do material utilizado. Quando meu lote inicial de chapas chegou perto do fim, Bruno Zurlini montou um projeto de doação pela internet que foi um sucesso de arrecadação. Mesmo depois do projeto continuou aparecendo muita gente querendo doar diretamen-

te. Esse gesto, vindo muitas vezes de gente que nem conhecia os conquistadores, além de ter praticamente acabado com o problema do material, trouxe para nós uma enorme motivação para tentar realizar o nosso melhor trabalho. Necessário mencionar os proprietários que não só permitiram a conquista do local como participaram ativamente do desenvolvimento. Na inauguração a Falésia já contava com um estacionamento feito em local de forma que a trilha fosse minimizada, contando com um contêiner de apoio e banheiro.

Se quiser escalar...

Saindo de Pindamonhangaba pela estrada que leva à Campos do Jordão (SP-132), logo depois de cruzar o rio Paraíba do Sul que beira a cidade, entre à direita na primeira rotatória (Estrada Jesus Antônio de Miranda). Vai passar uma igreja do lado esquerdo, logo em seguida um açude do lado direito. Mais um pouco e vai aparecer outro açude do lado esquerdo, logo depois dele entre à esquerda em uma estrada de terra com uma Igreja na esquina. Em questão de um quilômetro aparece a primeira bifurcação, vire à direita. Mais para frente, na segunda bifurcação siga à esquerda. Não vai demorar para ver indicado a entrada para o estacionamento do lado esquerdo.

A trilha segue para o canto direito da parede e é fácil de encontrar, inclusive tem sinalização. A chegada, como dito, é exatamente na via *Natália*, para a direita começa o Setor Gringo. Aqui estão as vias mais difíceis, principalmente as primeiras. A parede é ondulada, varia entre vertical e negativa tornando as vias uma sequência de alguns movimentos explosivos em pequenas agaras entre poucos e bem distribuídos agarrões onde o escalador vai geralmente chegar desequilibrado, às vezes até voando. Os graus das vias ainda estão bastante incertos pois ainda não tiveram ascensão. Estimamos a maioria em oitavo grau, mas podem ser mais difíceis. Aguardaremos a opinião daqueles que estão acostumados com esse nível de dificuldade.

Talvez a via mais difícil do Setor Gringo seja a *Gaza*. O escalador vai se deparar com uma leitura desafiadora em função de seus diversos dinâmicos ou botes, sempre em boas agaras. O estilo permanece nas outras vias desse setor, com o grau de dificuldade raramente ficando abaixo do oitavo grau. A exceção está bem do lado esquerdo da facilmente identificável via Ferrata, trata-se da *Fugazi*. Apesar de seus apenas doze metros oferece um amplo leque de movimentações necessárias como diedro,

fenda e balcão. Outra vantagem dessa via é o fácil acesso à sua parada utilizando a via Ferrata, ajuda tanto aqueles que preferiam tentar com a corda vindo de cima, como no caso de algum imprevisto como chuva.

Seguindo pela trilha o escalador encontra uma subida de onde se iniciam algumas vias, inclusive a lapetus, escalada e desescalada em solo pelo conquistador. Logo depois dela vem uma parte de rocha com lances bem fáceis com uns oito de altura metros no máximo: é o setor de iniciantes. Já vi crianças de quatro anos conseguir escalar e, o principal, se divertir. Duas dessas vias estão equipadas para serem guiadas, inclusive em uma delas, na *Artephios* aconteceu algo raro: Primeira Ascensão Dupla, pois foi tanto a primeira vez que a via foi devidamente escalada como foi a primeira vez que a escaladora guiou uma via.

Acima das vias para iniciantes começa o Setor Filosófico. A parede é bem vertical, quase todas as vias são de sétimo grau, mas a movimentação varia bastante. Além da tradicional escalada de face são diversos os desafios geométricos como chaminés, diedros, canaletas, lacas e fendas. Em muitos desses casos faz-se necessário o uso de proteções móveis. Outra característica desse setor é a altura das vias que chegam a quase quarenta metros, sendo fundamental, em alguns casos, o uso de corda de setenta metros. Como o nome do setor sugere as vias são homenagens a grandes pensadores.

Logo no início o escalador se depara com uma parede laranja com duas vias, a da direita é a *Melhor dos Mundos*, provavelmente a via mais escalada da Falésia, são mais de vinte metros de escalada de face que, apesar de ter um crux bem definido, pode ser considerada uma via de resistência. Outra via bastante repetida é a *Dúvida Hiperbólica* que acredito ser a mais fácil do setor mesmo se escalada com o belo diedro *Cogito* na sequência (ou como consequência). Devido às várias chaminés encontradas na Falésia escolhi a *Ao Fi de Zen* para deixar com um estilo de proteção mais desafiador. A via é longa e o tamanho das proteções varia bastante, o que faz com que o escalador saia carregado do chão e chegue leve na parada.

O acesso para o Setor Superior é pela via Ferrata, dessa forma todas as vias ficam parecendo o segundo largo em uma parede bem vertical. Apesar disso as vias são fáceis, a maioria de quarto ou quinto grau. No canto esquerdo do setor a parede fica um pouco positiva, no resto a verticalidade é compensada por fartura de agaras. No canto direito

aparecem algumas formas como diedros, lacas e arestas. Nesse Setor fica a homenagem aos nossos heróis dentro desse maravilhoso mundo do montanhismo.

Subindo pelas escadas o escalador chega direto na base da *Jacques Balmat*, uma chaminé um pouco aberta (quase um diedro) bem fácil com um lance de quarto sup aéreo e bem protegido. A *Caminho Teixeira* é uma das últimas vias equipadas na Falésia, mas tem tudo para se tornar uma clássica: trata-se de um quarto grau de menos quinze metros bem protegida em um dos locais mais voadores desse aéreo setor e a parada tripla conta com duas correntes com mosquetões para facilitar o procedimento de descida. As vias com proteções móveis desse setor, apesar de não muito numerosas, aumentam gradativamente em dificuldades técnica e de colocações possibilitando desafios para uma ampla gama de níveis de experiência. A mais amigável delas é a *Voytek Kurtyka*, que começa com um crux em proteções fixas, mas a parte em móvel é fácil de escalar e com fartura de colocações.

No site disponibilizamos todas essas e mais informações, inclusive uma foto colorida com todas as vias traçadas. Na foto as cores referem-se ao grau de dificuldade das vias. Quem preferir pode baixar o croqui que fizemos em versão PDF para impressão, onde foram destacadas inclusive as proteções fixas para que o escalador saiba o que vai escalar com mais precisão.

Tudo que foi mencionado aqui refere-se apenas a aproximadamente um terço da parede, sendo que o restante já está sendo desenvolvido por diversos conquistadores e acredito que teremos novidades em breve.

A Falésia do Quintal está aberta todos os dias. Os proprietários solicitam o pagamento simbólico de cinco reais por escalador a ser colocado no local indicado no estacionamento. O local ainda conta com um abrigo pra aqueles que quiserem passar um belo final de semana com muita escalada, pois vale lembrar que do outro lado da estrada, há a já consagrada Falésia do Paraíso! Esperamos que muitos escaladores possam desfrutar de nossa obra e que saiam satisfeitos. Qualquer coisa estamos à disposição nos contatos abaixo. Boas escaladas!

CTEM – Clube Tropical de Escalada e Montanhismo
Montanhas3004@gmail.com
www.montanhas3004.wixsite.com/ctem
www.facebook.com/ctem3004

Vinte e dois anos luz de uma galáxia a outra

João Giacchin

Ensaio poético aproximativo sobre a sedutora escalada de vanguarda.

A maior distinção de elegância que existe no mundo esportivo é a beleza transparente e incomparável da dificuldade. O que realmente significa a dificuldade atlética, física e psicológica em escalada em rocha de dificuldade extrema?

Bem vindos a uma parte da história protagonizada muito distante da fronteira brasileira. A fronteira da dificuldade existe e tem explicação sensata e coerente por ser absurdamente translúcida, transparente. É osso duro de roer!

A dureza pela qual passa um escalador de rocha para superar o seu próprio limite atlético ou ultrapassar a fronteira psicológica e tensa de cada escalada é sempre uma batalha difícil, exaustiva e intensa. Um acontecimento incomum, fabuloso, sensacional e fenomenal, por tratar-se de algo extraordinário, excepcional.

Cada um de nós, dentro dos nossos limites, já viajamos nesta experiência, já experimentamos o sabor de um êxito bem triunfado ou mesmo a amarga frustração de projetos não realizados. Todos já vivenciamos uma batalha pessoal, cada um no seu limite, na dificuldade que buscamos e no resultado que só o esforço e a entrega justificam tal dedicação, expectativa ou realização.

Para passar de um número para outro, de uma letra para outra, desde sempre foi um caso de romanticismo atlético e fanatismo puro. Entrega total.

Sem o fanatismo não teríamos conseguido os grandes êxitos que já foram conseguidos neste esporte incomparavelmente difícil, belo e exemplar.

Vinte e dois anos se passaram desde quando realizei o primeiro 8b francês, o primeiro realizado até o ano de 1997 por um escalador sul-americano. Imaginem a dificuldade que representava este nível na década de 90. E eu consegui obviamente fora do Brasil, na Europa, e mais precisamente na Catalunha, num dos berços da escalada mundial de dificuldade, que é a montanha de Montserrat, conglomerado difícil.

E nestes dias, como brasileiro e sul-americano, contemplo maravilhado o triunfo do nosso conterrâneo Felipe Camargo, quem conseguiu à custa de muita dedicação, motivação e entrega sobre-humana, escalar um 9b francês. O que significa escalar um 8b francês em 1997, ou um 9b francês em 2019? Significa muito. Significa, muito além de um número e uma letra, a marca de uma época; a máxima expressão ar-

tística que define uma obra de arte, e em termos de beleza, um quadro mega surrealista numa realidade à parte.

Exatamente a mesma coisa: são sinônimos de dureza, de entrega, de dedicação, de superação e escalada de vanguarda, cada uma numa época diferente.

Escalar um 9b francês ou o épico 12b brasileiro em 2019, é abrir a porta de uma outra dimensão, é pisar numa outra realidade, é uma viagem interplanetária, ir embora para outra galáxia... Uma história honrada e digna. Exatamente como em 1996, quando fiz dois 8a+ na Catalunha (um em Siurana e outro em Montserrat), e exatamente como em 1997 quando eu habitava a galáxia futurística da Catalunha e realizei um 8b francês, o épico 5.13d americano. Uma história digna e honrada. Assim como o 8b+ francês que eu tentava em 1996, na dureza absurda daqueles anos; um acontecimento de viagem inusitada. Circunstâncias de uma realidade à parte.

Como já realizei viagens interplanetárias nesta galáxia da escalada em rocha, admiro a viagem surrealista e intergaláctica que acaba de realizar o Felipe Camargo. Outra dimensão é tentar entender e tentar compreender tal viagem. Trajetória que poucos concluem.

Vocês já haviam imaginado um 8b francês em 1997? Ou por acaso já tentaram imaginar um 9b francês em 2019? Experimente esta sensação. Imaginar é tentar ver. Ver, isso sim é outra beleza.

Experimente imaginar ou sentir o que sente um escalador de rocha de elite em plena viagem intergaláctica... Se palpitar o coração ao encontrar esta sensação, é porque conseguiu saborear a emoção. É surrealista, é estratosférico, é vivenciar outra dimensão. Experimente, pois pelo mesmo imaginar, te ajudará a abrir a mente para a compreensão do que é incomparavelmente difícil, tenso e atlético neste fas-

João Giacchin na via *Julia*



Chris Sharma na via *El Bon Combat*

cinante mundo da escalada em rocha; uma viagem cósmica, uma viagem intergaláctica além de interplanetária; uma viagem absolutamente surrealista, extraterrestre e absurdamente sedutora.

A fascinante e recomendável loucura da escalada atlética e psicológica de alto rendimento sempre estará onde merece estar, na vanguarda dos acontecimentos. Perceptível para uma minoria, e fenomênico para o resto da humanidade.

E seus protagonistas, almas criativas inquietas, artistas de vencer dificuldades extremas e entusiastas de espíritos resistentes, que sempre serão o que realmente são, passageiros de uma realidade à parte. Transparentes, mas absurdamente privilegiados por serem abençoados em triunfos de êxitos incomparavelmente difíceis. Realidade bem pouco conhecida entre o resto da humanidade.

João Giacchin

Via *Julia*, 8b francês, em 30 de agosto de 1997 (verão); Montanha de Montserrat, Catalunha. Característica principal: A via *Julia* foi a primeira via da Espanha encadenada e confirmada como 8b francês, e por isso se tornou uma clássica da dificuldade no sul da Europa do final dos 80 e toda década dos anos 90; sempre foi uma referência na Catalunha, jamais foi decotada e até hoje é uma referência mundial deste grau de dificuldade.

Felipe Camargo

Via *El Bon Combat*, 9b francês, em 19 de abril de 2019 (primavera); Cova de Ocell, Catalunha. Característica principal: A via *El Bon Combat* é outra obra de arte do mítico californiano Chris Sharma, considerada uma das

vias de dificuldade das mais belas das vias contemporâneas que existe no panorama esportivo da Europa. O segundo escalador a encadenar esta via, o fortíssimo e experiente escalador austríaco Jakob Schubert sugeriu que poderia ser um 9a+ duro; Jakob Schubert já teve a experiência de realizar com êxito três vias confirmadas de graduação 9b. Certamente outros experientes escaladores confirmarão num futuro próximo a graduação desta via *El Bon Combat*. Independente das questões a

serem confirmadas, os êxitos do Paulista Felipe Camargo são relevantes e extraordinários. O meu texto à cima contempla muito bem o seu brilhante caminho e excepcional trajetória neste esporte incomparavelmente belo.

Saudações a todos que prestigiam a escalada em rocha. Somos uma comunidade pequena, e é admirável a consideração dos que se respeitam mutuamente.

21 ANOS DEDICADOS À AVENTURA AGORA COM UM NOVO ENDEREÇO!

LOJA 1
(11) 3562-1801
☎ (11) 94284-6395
Rua Apeninos, 803 - Paraíso

LOJA 2
(11) 3879-6800 | Ramal 3
☎ (11) 94354-2641
Rua Venâncio Aires, 31 - Vila Pompéia

www.penatrilha.com.br



UMA LOJA ESPECIALIZADA EM PONTAS DE ESTOQUE, PRODUTOS FORA DE LINHA E USADOS. ONLINE :)

O ANTIGO BRECHÓ DA MONTANHISMUS COM CARA NOVA NO SEU PC, TABLET OU SMARTPHONE

MOCHILAS | AGASALHOS | ROUPAS | BARRACAS | EQUIPAMENTOS

PRODUTOS DE GRANDES MARCAS COM PEQUENOS DEFEITOS E USADOS. VISITE NOSSA LOJA EM SÃO BENTO DO SAPUCAÍ OU COMPRE PELO SITE WWW.MERCADOOUTDOOR.COM.BR



OS PARQUES DO ESPINHAÇO (XIV): BOTUMIRIM

“Usado por uma fivela, o homem tinha sido escolhido, desde criança, para ser ninguém e nem nunca. De forma que, quando se pensou em fazer alguma coisa por ele, viu-se que o caso era irremediável e escuro.”

Manoel de Barros

Chegamos agora a um Parque Estadual que até recentemente ainda não havia sido criado, apesar dos anseios da comunidade de Botumirim. Ele é espetacular, com uma campina alta ao norte, que replica a situação e o visual do Cipó, e um cordão de serras com um desenho deslumbrante na sua extremidade sul.

Alberto Ortenblad | SP

Três Anos Atrás

Informado sobre as belezas da região, passei três anos atrás por Botumirim, durante uma viagem ao norte de Minas. Lá encontrei um vilarejo acanhado e pobre, parecendo ocupar uma colina de forma desajeitada, sem atrativos aparentes. Dizia a secretária de turismo Geisy Faria que eu deveria subir por trilha até a campina a oeste da vila. Mas não tive tempo, pois só dispunha daquela manhã.

Situado no alto vale do Jequitinhonha, Botumirim (que significa Serra Pequena) fica a apenas 50 km ao sul de Grão Mogol por asfalto. Toda essa região foi colonizada a partir da mineração de diamantes de Grão Mogol – quando esta se exauriu, a população assentou-se e passou a dedicar-se à agropecuária. É um lugar serrano, com certo clima de altitude, de noites frias e neblinas matinais. Há quase 20 anos foi proposta por uma ONG a formação de um Parque na campina acima do vilarejo, num formato estreito e num sentido norte-sul. Ficaria num platô alto e isolado, recoberto por cênicos campos rupestres, veredas e cerrados, encerrados por altas escarpas. O ponto culminante seria a oeste, na Campina do Bananal.

Muitas águas nascem nesta serra. Uma das principais é o Rio Noruega e seu afluente o Rio do Peixe. Ao sul corre o Ribeirão do Gigante, ambos sendo tributários diretos do Jequitinhonha. Ao norte estão as nascentes do Rio Bananal, que desce para o Itacambiraçu, que você já encontrou no relato de Grão Mogol, e que é o principal curso da região. Seus solos pobres e arenosos só se tinham prestado à criação extensiva de gado. O Parque teria, portanto, escassa ocupação humana. Além disto, mais de 2/3 de sua área seria de preservação permanente, como cursos d’água, veredas, escarpas e rochosos. Acreditava-se que estes fatores deveriam facilitar as desapropriações necessárias à criação do Parque.

Mas o fato é que o Parque não tinha até aquele momento avançado. Quando retornei dois anos depois, os estudos tinham sido feitos para uma reserva de 33 mil ha, o IEF mineiro preparava-se para consultar a população e já havia até um candidato a gestor da futura reserva.

Dois Anos Depois

Pois então fui a Botumirim com o tempo necessário para conhecê-lo. Subi à campina por duas trilhas, de São Domingos ao lado da vila e do Zé Rico ao norte dela, foram 200 a 300m de ascensão, em trilhas moderadas, de menos de 4 km. Estes são caminhos diferentes, o primeiro encarando a parede de uma maneira tradicional e prosseguindo por uma bonita ravina, e o segundo aproveitando uma colina para se aproximar dela.

São Domingos designa um belo vale, cujas encostas são sombreadas pelas palmeiras catolé e pelo paredão da serra. Por lá passavam as tropas que subiam a campina com destino a Montes Claros. Mais tarde soube que há outras trilhas, pelo Tinoco a norte e pelo Toazinho a oeste, embora mais precárias. De fato, o visual da campina é notável, assemelha-se ao Cipó, com algumas diferenças – se não tem o mesmo alcance panorâmico e a mesma ondulação suave, apresenta por outro lado uma rusticidade encantadora, com uma natureza um pouco mais robusta, numa altitude maior. Os campos são interrompidos por pequenos capões de mata, por carreiras de pedras ou por encostas que escondem o lado oposto. Nas proximidades aparece o perfil empinado da Serra da Pedra, com seu pico a 1.360m parecendo tão mais elevado.

A este respeito, repito aqui minha observação sobre o Morro do Chapéu de Cristália (uma vila próxima), tão visível aqui como fora em Grão Mogol. Sua altitude de 1.300m, devido à sua situação isolada num amplo espaço, parece ilusoriamente maior. Em algum outro dia, você pode facilmente subir ao seu cume e desfrutar de uma vista poderosa.

Voltando à serra, são três os campos que conheci: a norte, a Campina do Maracujá, mais alta (1.400m) e separada por uma ondulação rochosa a ser contornada; à frente, a Campina do Bananal, contendo a calha escura do rio; a sul, a Campina de São Domingos, mais baixa (1.200m) e ligada ao seu prosseguimento ao sul. Entre as duas subidas a extensão não é longa, algo como 3 km, permitindo subir por uma e descer pela outra.

A presença do Rio Bananal é especial,



Vista do Fonseca e do Gigante, Botumirim, MG

e por duas razões: permite que você repose ou mesmo acampe nele e, dependendo da estação, aproveite a precipitação de 210 m de sua queda rumo ao planalto, bem como os poços e as praias lá em baixo. Este ambiente serrano é maravilhoso, de dimensão e alcance moderados, mas suave e acolhedor. A campina terá de 5 a 8 km de largura e um comprimento de mais de 12 km de norte a sul.

Portanto: sim, não tive dúvidas sobre a conveniência em estabelecer uma reserva neste local abençoado. Ainda mais considerando as muitas nascentes, os campos de sempre vivas, o ambiente ainda preservado e a ausência de ocupação permanente. Mas isto não garantiria a ela mais do que 10 mil ha. Mas dizia-se que o Parque seria bem maior. Onde estaria o restante?

As Serras de Botumirim

Depois de conhecer a campina, empreendi uma volta motorizada de 150 km pelas estradinhas vicinais, procurando contorná-la. Parti inicialmente no rumo sul, com vistas de um fantástico vale encerrado por montanhas, chamado de Matão - até descortinar toda a extensão da serra, de talvez 40 km. Fui surpreendido por um visual espetacular.

À minha frente havia uma sucessão de cristas, que subiam em corcovas abauladas ou pontudas e desciam em passagens transversais que separavam o conjunto em cinco distintas formações. No norte mais distante, eu voltava a rever as paredes que encerravam a campina que havia subido no dia anterior. A extensão desta parede leste seria de 6 km e seu ponto culminante estaria a 1.470m. Ela prosseguia na chamada Serra da Bocaina, com comprimento e altitudes semelhantes.

A seguir, três maciços recortados traziam um lindo movimento à serra: Bela Vista, Gigante e Fonseca. Curiosamente, o menor deles era exatamente o Gigante, com cerca de 6 km, e que parece tão grande; os demais estendiam-se por duas e quatro vezes este tamanho. Mais tarde fui perceber que a mais impressionante destas formações era o Fonseca, que assim não parece, por estar numa direção transversal leste-oeste, diferente da orientação norte-sul do conjunto. Contém o mais alto ponto dos três, a 1.525m, e bordejia o município vizinho de Itacambira, onde belas serras poderão no futuro integrar uma nova reserva. Este magnífico conjunto é certamente inexplorado, não conheço nenhum relato de ascensão ou travessia. Devem ser



Serra de Botumirim, do Fonseca (D) à Bocaina (E), MG.

tão bonitas quanto árduas, em especial nos muitos desníveis da Bela Vista. Mas nenhuma delas poderá ser tão esplêndida como alcançar e percorrer o enorme e elevado corpo do Fonseca, chamado lá em cima de Cantagalo. Lembro que as cartas do IBGE trazem nomes diferentes: por exemplo, Canastra para a Campina, Samambaia para a Bocaina e Areão para o Mazagão.

É esta extensão serrana, naturalmente acrescida de áreas laterais no entorno, que fizeram o futuro parque crescer para os 33 mil ha projetados. Mas o IEF deverá encontrar oposição de sitiante afetados, como no caso dos Vales de São Domingos e do Rio do Peixe, em especial o primeiro, que é mais habitado.

Os Vales

A vegetação dominante é naturalmente o cerrado, exceto quando a altitude faz surgir os campos rupestres. Existem aparições de caatinga, que me pareceram mais raras do que em Grão Mogol – talvez por ser uma região mais úmida e menos pedregosa. Encontrei na minha volta reflorestamentos em eucalipto, que tem penetrado na região. Os animais são aqueles típicos do cerrado.

Ao longo deste trajeto, existem dois rios imperdíveis: o Ribeirão da Onça e o Rio do Peixe, cada qual numa direção. Suas águas escuras contrastam com as lajes claras à volta, formando belos remansos nos muitos poços. São paisagens especiais, com o anfiteatro da serra e a vegetação do cerrado abraçando os vales onde eles estão. Lembro que a principal cachoeira, a Quatro Oitavas (uma menção à época da mineração), fica a apenas 3 km da vila – certamente seus 80 m de queda serão uma visão poderosa na

estação das chuvas.

Gostaria de comentar sobre dois outros atrativos da região. Um deles são as veredas de buritis, sempre cercadas por muita vida: água, gramíneas, árvores e pássaros. Ao longo do trajeto, você encontrará algumas: Vereda Grande e Poço do Burro no rumo do Rio do Peixe e Vereda Varagem da Estiva, mais próxima do Ribeirão da Onça.

A região contém grutas, a exemplo da Gruta da Tartaruga no local chamado de Folha Larga. Lá existe uma interessante parede com pinturas rupestres, infelizmente com sinais de interferência humana. Mas nenhuma gruta rivaliza com a Lapa do Bugre, onde encontrei um conjunto de desenhos com o traço mais delicado e elegante que jamais havia visto – com razão, é chamada de

a Capela Sistina da região.

É uma região muito pouco povoada, com pequenas comunidades e fazendas esparsas. Mas passei no retorno pelo vilarejo de Cantagalo, a 50 km de Botumirim. Se a estradinha for asfaltada, o acesso às serras será muito facilitado. Outra possibilidade é alcançá-las a oeste por Itacambira, que é um outro vilarejo. Ele dista delas apenas 25 km em linha reta – e se encontra mais perto ainda do esplêndido Fonseca, que poderá ser uma grande atração futura.

Um Ano Depois

Só que a existência de um pássaro endêmico, a rolinha do planalto, teria colocado em risco a criação do Parque, já que o aumento de visitação poderia afetar a ave tão rara. E não foi ainda naquela ocasião que surgiria a nova reserva.

Voltei então, teimosamente, para enfrentar o Fonseca. Estou na estrada e descubro que, dois dias antes, havia sido criado em 4 de julho de 2018 o Parque Estadual de Botumirim, agora com 36 mil ha. Então, acho que Alessandra e eu fomos os primeiros forasteiros a conhecer esta serra. Foi emocionante escalar sua árdua parede exposta e caminhar por seus cênicos campos rupestres, com panoramas estupendos das movimentadas serras próximas.

Depois das regiões pequenas e próximas de Botumirim e Grão Mogol, você conhecerá uma das reservas mais radicais de toda a cordilheira, já no fim de seu trecho mineiro, que chamo de Espinhaço Acima.

Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br

Rio Bananal na Campina do Bananal, Botumirim, MG



Desde 1989 formando montanhistas e escaladores

Escalada em Rocha

Curso Básico
2 dias
Aprenda a escalar em rocha de uma maneira segura e rápida. Campos-escola preparados e equipamentos certificados. Alojamento em nosso abrigo.

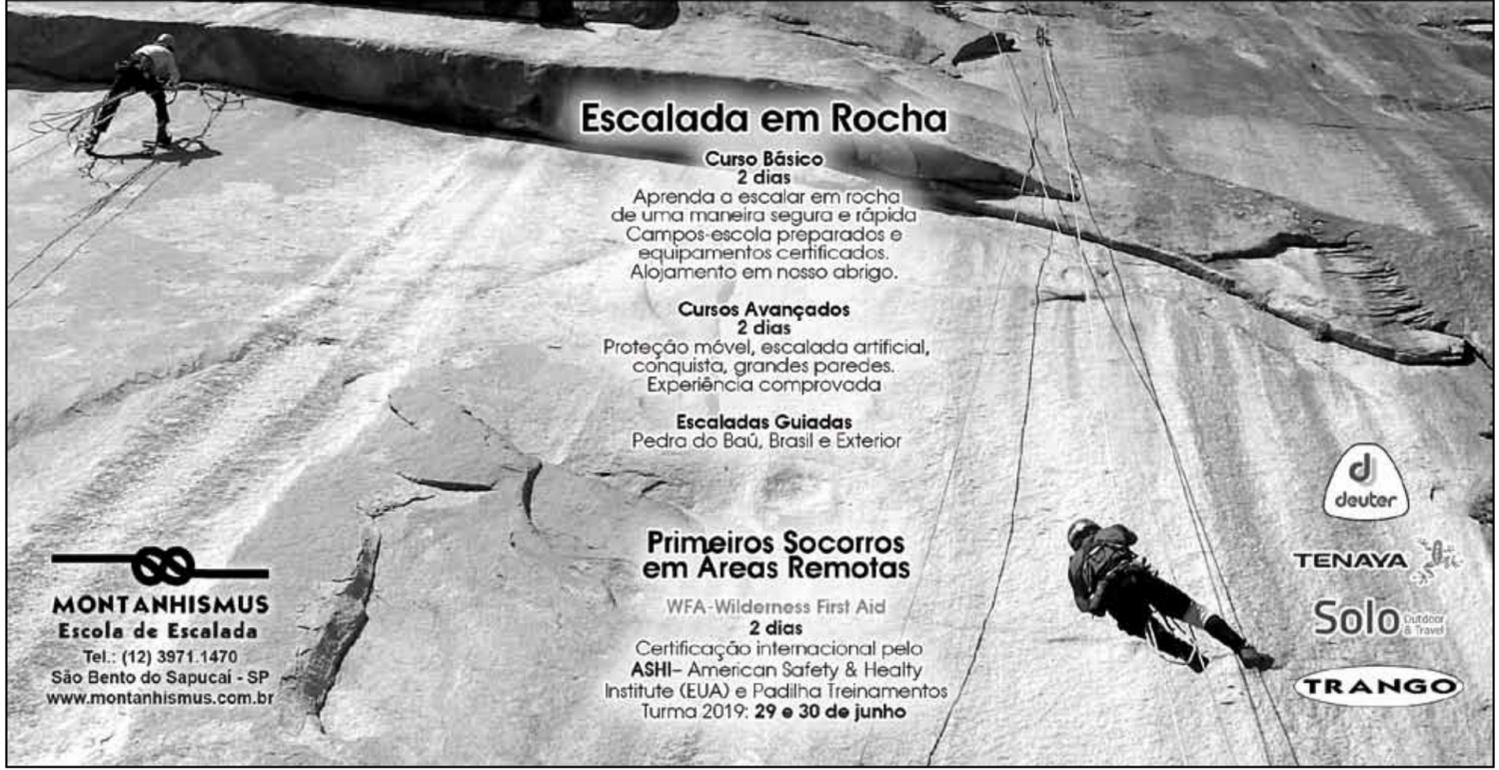
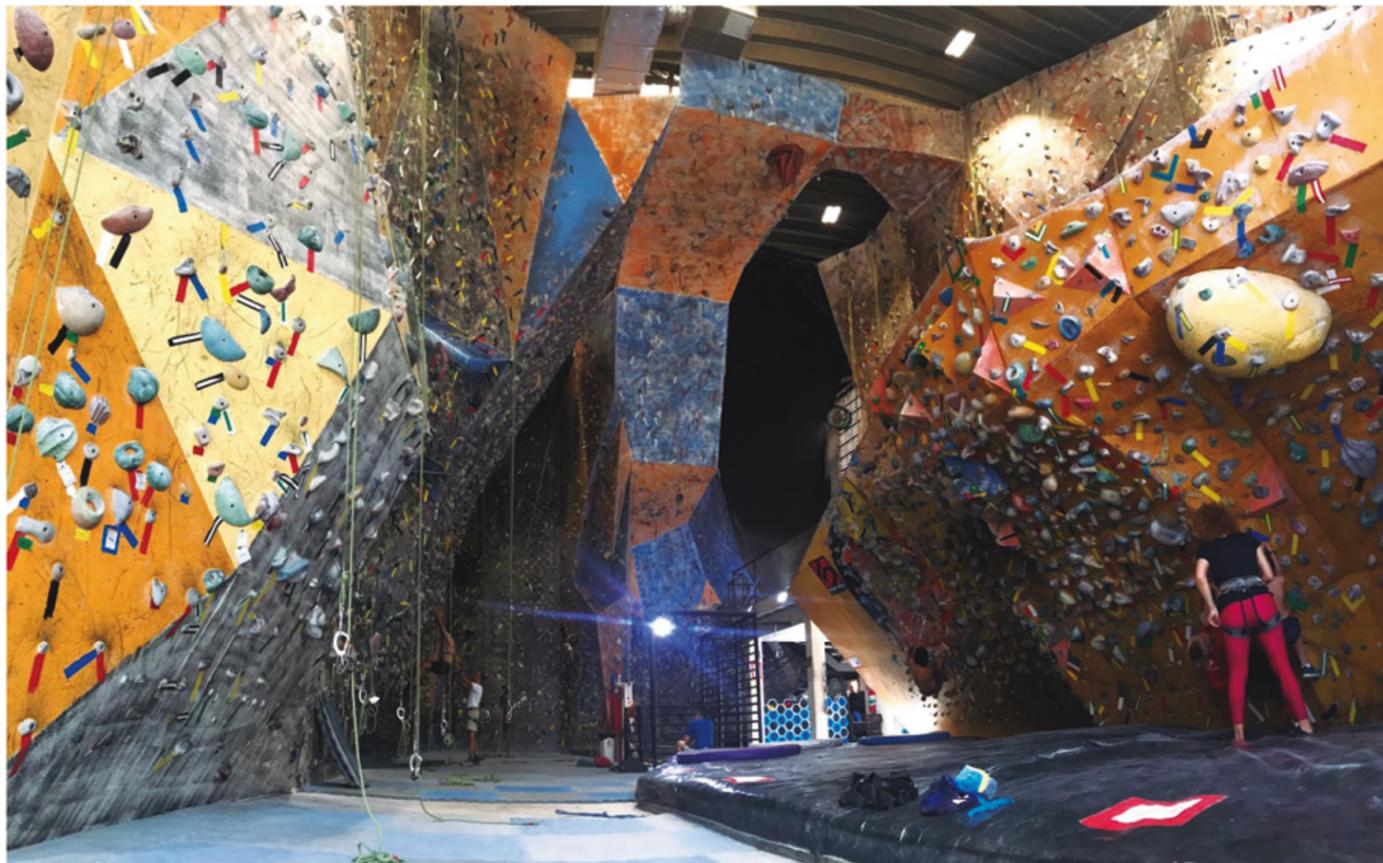
Cursos Avançados
2 dias
Proteção móvel, escalada artificial, conquista, grandes paredes. Experiência comprovada.

Escaladas Guiadas
Pedra do Baú, Brasil e Exterior

Primeiros Socorros em Areas Remotas
WFA-Wilderness First Aid
2 dias
Certificação internacional pelo ASHI- American Safety & Healthy Institute (EUA) e Padilha Treinamentos
Turma 2019: 29 e 30 de junho

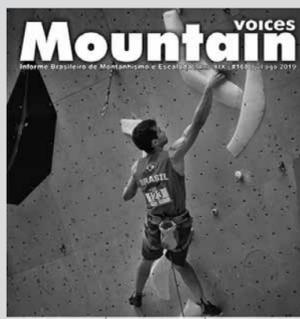
MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Tel.: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

deuter
TENAYA
Solo
TRANGO

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.
Editor: Eliseu Frechou
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
E-mail: contato@mountainvoices.com.br
Web site: www.mountainvoices.com.br
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Cesar Grosso defendendo o Brasil em mais uma competição pela Copa do Mundo. Imagem: D-Wall.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/01/2018.

Nome.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....
CEP..... Telefone.(.....).....
E-mail.....
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

Total00



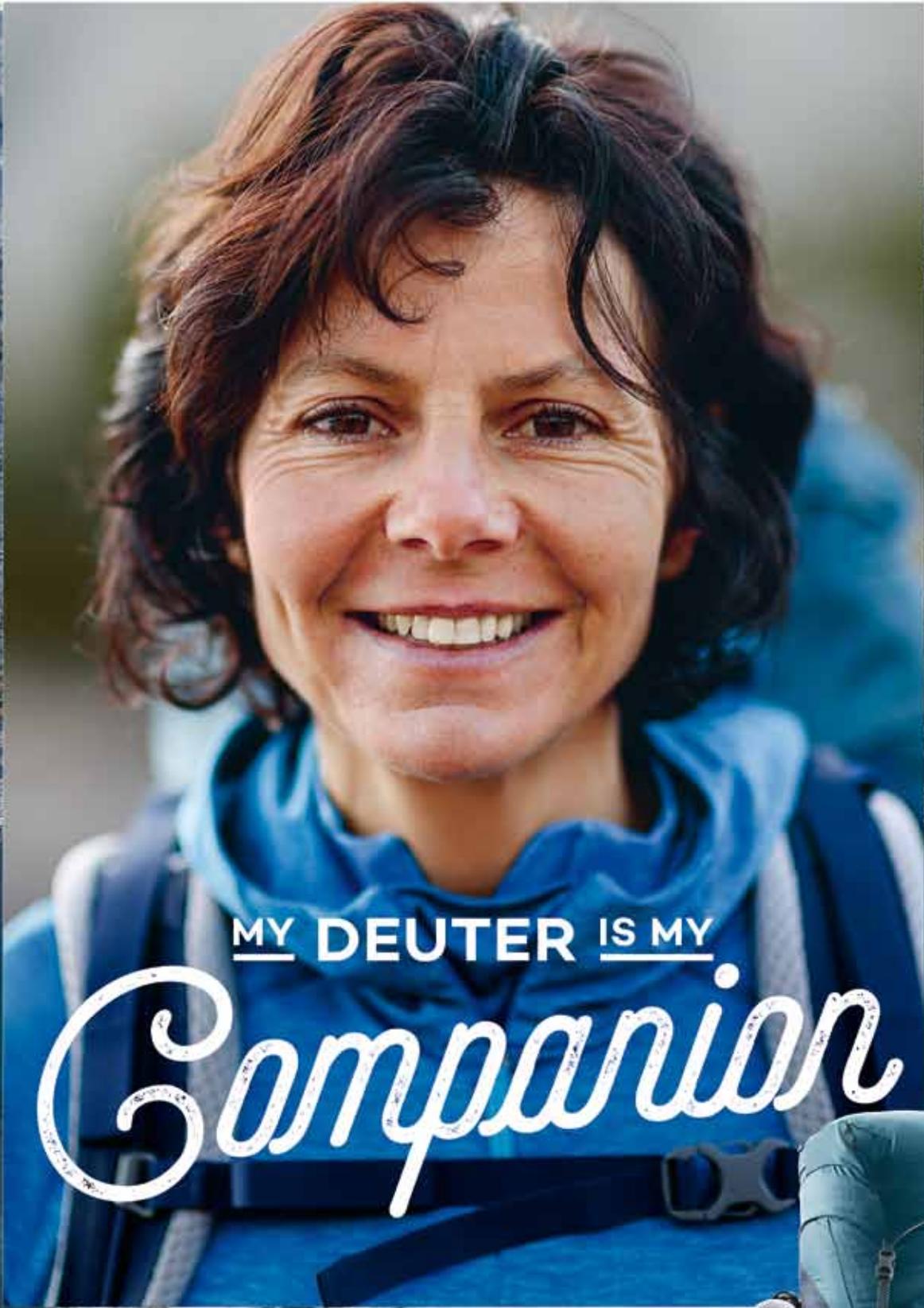
A ALMA DAS MONTANHAS NO CORAÇÃO DE SÃO PAULO

TOP ROPE • BOULDER • MURO DE VELOCIDADE • GUIADA • MUSCULAÇÃO

Perdizes
Rua Venâncio Aires, 31
tel. 11 3879-6800



Moema
Al. dos Guaramomis, 256
tel. 11 4563-2903



MY DEUTER IS MY

Companion



deuter.com.br